



# CINEMA PARADISO

Boletim n.º 263

São Paulo, 03 de março de 2010.



Próxima reunião: 07/03/2010 - DOMINGO às 16:00 h.

## A FITA BRANCA (Das Weisse Band)

Diretor: Michael Haneke (\*)

(\*) Nasceu em 23 de março de 1942 em Munique, na Baviera. Executa trabalhos para a televisão desde 1974, estreando-se no cinema em 1989 com o filme **O SÉTIMO CONTINENTE (DER SIEBENTE KONTINENT)**, 1988). Ficou muito conhecido no Brasil por **A PROFESSORA DE PIANO (LA PIANISTE)**, 2001). Com o longa-metragem **CACHÉ** (2005) ganhou Palma de Direção em Cannes. E **A FITA BRANCA** foi o vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2009

### HANAMI – CEREJEIRAS EM FLOR

Foi grande a minha surpresa quando peguei o folheto do filme de Doris Dörrie, no Reserva Cultural e li a sinopse. Achei muito injusto contar algo que eu acreditava ser fundamental descobrir sozinha: que a personagem de Trudi iria morrer repentinamente. A Wilma, nossa colega do grupo, já tinha me falado que o trailer deixava adivinhar que a esposa do Rudi, o homem doente, ia morrer antes dele. No entanto, percebi que ficar sabendo desses detalhes do enredo não muda significativamente a recepção que o espectador tem do filme.

O filme trata de um casal de alemães que mora na Bavária, no interior do país, e tem uma vida tranquila e rotineira. Ele trabalha numa empresa de coleta de lixo e ela é dona de casa. Eles têm três filhos, dos quais, dois moram em Berlim e um, em Tóquio. Assim como o nome Trudi contém o de Rudi, da mesma forma a esposa contém o marido. Ela o superprotege, e concede tudo o que ele quiser, a ponto de ter deixado de lado sua vida para tomar conta dele. Trudi não conta para Rudi que ele está doente, e planeja fazer feliz o marido nos últimos dias de vida que lhe resta.

Apesar de saber o desfecho da vida e morte de Trudi, o espectador não se sente traído porque esse não é um filme que se sustente só pela fábula. Trudi é a personagem-narradora que nos conta acerca da vida dela com o marido, dos filhos, e da doença de Rudi. Sabemos tudo graças a ela, que ao tempo que nos conta,

esconde a verdade para a família toda. Na primeira quarta parte do filme, Trudi morre e o espectador fica órfão e viúvo de narrador. Daí para frente, quem vai continuar a nos contar a história serão as imagens.

Trudi deixou uma responsabilidade imensa para nós espectadores. Sabemos de tudo e não podemos contar para ninguém, só podemos torcer pelas coisas darem certo, como por exemplo, a viagem que Rudi decide fazer para o Japão, viagem essa que não queria realizar quando a esposa ainda estava com ele. Assim, à deriva, a personagem de Rudi vai tentar levar a esposa morta, mas que ainda está viva dentro dele, para aqueles lugares dos desejos não realizados em vida. Com um grande sentimento de culpa, mas com uma tristeza ainda maior, Rudi se deixa invadir pelas sensações e as imagens que outrora se negara a aceitar ou ainda conhecer.

Tarde, porém nunca é tarde demais... Rudi vai compreender a beleza dos sonhos da esposa morta. Carregando na mala as roupas da mulher, os livros sobre o Japão preferidos por ela, e as fotos da esposa, ele fará uma última viagem para encontrá-la no monte Fuji, na dança japonesa Butô e nas cerejeiras em flor.

**HANAMI – CEREJEIRAS EM FLOR** é uma obra que consegue que as imagens falem por si.

Adriana Suarez Myskow



### A FITA BRANCA: GOSTEI, OU NÃO GOSTEI, – EIS A QUESTÃO...

Não pretendo contar detalhes do filme **A FITA BRANCA**, pois será o próximo a ser discutido pelo grupo, e penso que alguns dos integrantes ainda não o viram. Mas acho que posso antecipar o que se pode sentir em relação a ele, a exemplo de muitos outros que provocam uma sensação parecida.

Saí do cinema com a opinião convicta de que não tinha gostado do filme, e que, se participasse da reunião, daria uma nota bem baixa.

Porém, fiquei pensando por que eu não havia gostado e, então, me dei conta de que havia gostado, sim. É um filme tenso, que mexeu com meus sentimentos. Explicando melhor: é um filme que me deixou incomodada; acho que é o objetivo do filme: deixar o espectador tenso, incomodado e descobrir o que há além daquilo que vemos na tela.

Com isso, me lembrei que muitas vezes algumas pessoas afirmam que não gostaram de determinado filme porque era muito chocante, ou nojento, ou arrepiante, mas isso não significa, necessariamente, ser um filme ruim, às vezes, é até excelente, como é **A FITA BRANCA**, ou seja, parece que filmes feitos para abalar o espectador, é confundido como um mau filme.

A meu ver, **A FITA BRANCA** é excelente, bem feito, bem interpretado, surpreendente, mas, não gostei! Incomodou-me! Não assisti todos os filmes que concorreram no Festival de Cannes de 2009, mas, só pela boa qualidade deste filme, acredito que ele tenha merecido levar a Palma de Ouro.

Creio que os leitores me entenderam.

Janete Felix Palma ☺



O grupo *Cinema Paradiso* já faz história, neste ano completará 15 anos. Como traz a amizade como eixo de suas atividades, são muitos os laços afetivos costurados nesses anos todos. Conheci Renato Pucci e sua mulher Janete quando o grupo tinha aproximadamente um ano de existência. Ele fazia mestrado em cinema, na época e sempre “apanhou” muito de nós, por discordâncias quase sempre políticas. Discordâncias bem vindas entre nós, porque, quando bem fundamentadas, representam troca. Bem sabemos que na maioria dos espaços pouco se pratica o debate e a polêmica muitas vezes é mal vista. Acompanhamos o desenrolar de sua dissertação, o lançamento de seu primeiro livro (“O Equilíbrio das Estrelas” sobre a obra de Walter Hugo Khouri). Quando ele se tornou doutor, a Universidade Tuiuti de Curitiba nos “roubou” Renato e Janete. Ela prometeu continuar no trabalho de diagramação do nosso jornalzinho e cumpriu a promessa. Sem ela e sem Internet, não haveria jornal... Considero que Renato foi uma das pessoas essenciais para que eu encarasse a empreitada de sair da vida de bancária e abraçar a vida acadêmica. Lembro que no dia da defesa de sua tese ele comentou que depois dos intensos debates do grupo de cinema, ele se sentia preparado para enfrentar a banca mais exigente que houvesse.

Acho que posso falar em nome do grupo que nunca mais tivemos alguém em nossas reuniões que nos mostrasse com profundidade a linguagem cinematográfica e as escolhas técnicas do diretor para narrar a história. O perfil do grupo é muito mais de partir do conteúdo do filme e dos temas que desperta para encaminhar a discussão. Nada

mal, pois revela a formação das pessoas que discutem, porém, sabemos como o Renato nos faz falta!

Graças à Internet, não sentimos tanto a distância, pois mantemos os laços por e-mail, além de trocas acadêmicas. Como estudo mídia e educação (por absoluta influência da experiência do grupo *Cinema Paradiso*), e Renato e eu somos professores universitários, temos muito que conversar. Em agosto passado, estivemos juntos por ocasião do aniversário do grupo que aproveitou para lançar seu segundo livro, decorrente da pesquisa do doutorado. Pude contar a ele notícias da minha atual pesquisa (dessa vez o meu doutorado), sobre Cinema e Educação.

Entre o Natal e Ano Novo, o querido casal, em passagem por São Paulo, fez uma visita deliciosa à nossa família. Mais uma vez eu o coloquei a par da pesquisa que desenvolvo e comentei sobre um projeto de políticas públicas com cinema e educação que acompanho, abrangendo todas as escolas públicas de ensino médio em São Paulo.

Conto toda essa história porque Renato foi instado a dar uma entrevista para um jornal de Curitiba – *A Gazeta do Povo* – justamente sobre esse tema. Segundo ele, foi por conta de nossa conversa que ele estava afiado no assunto. Acho um tema bem polêmico e urgente (puxo sardinha pras minhas ocupações...), portanto, se a entrevista que reproduzimos abaixo gerar mais polêmicas, acharemos ótimo! Vamos praticar essa troca de opiniões, pois é assim que o conhecimento se produz.

Ah, Renato também publicou um artigo sobre o filme **ESTÔMAGO**, em parceria com Júlio Lobo. Vejam no site:

<http://revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php/ghrebh/article/view/52/57>

Cláudia Mogadouro

## "Não basta apenas passar o filme (\*)"

### Entrevista com Renato Luiz Pucci Júnior, professor de História do Cinema

Para o doutor em Comunicação e professor de História do Cinema da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) Renato Luiz Pucci Júnior, a proposta do cinema obrigatório nas escolas tanto agrada como traz preocupações. Autor dos livros *Cinema Brasileiro Pós-moderno: o Neon-realismo* (Sulina, 2008) e *O Equilíbrio das Estrelas: Filosofia e Imagem no Cinema* de Walter Hugo Khouri (Annablume, 2001), Pucci Júnior ressalta que, sem preparação adequada dos professores, a medida pode se tornar negativa. Abaixo trechos de entrevista concedida à *Gazeta do Povo*.

#### Qual sua opinião sobre o projeto?

Essa ideia de fazer um trabalho com o cinema de forma sistemática no ensino básico ou ensino médio é um velho sonho de muitos que trabalham com o cinema no Brasil. Um mínimo de estudo audiovisual seria importante para que as crianças aprendessem a enxergar melhor os filmes, elas seriam alfabetizadas assim como na Língua Portuguesa. Mas já há pesquisas que indicam como o cinema na escola pode ser problemático se não for implantado com cuidado. Se o professor não conhecer a linguagem do cinema, daquilo que vai ser mostrado, a exibição pode ter um efeito negativo. Outro ponto a ser

questionado é: quem vai escolher os filmes, o que vão exibir, com quais critérios?

#### Seria necessário que os professores recebessem uma formação específica?

Parece que vão implantar o sistema antes de incluir aos professores o estudo desta matéria. Em muitas escolas e até mesmo nas universidades vemos professor pôr o filme a ser exibido e depois não conversar mais sobre o assunto. Não é só passar o filme e acabou. Para realmente funcionar e ter um efeito positivo o professor precisa saber como lidar com o cinema em sala de aula.

#### Quais são os benefícios do uso de cinema nas escolas?

Vivemos numa civilização audiovisual. Enquanto no século 19 a cultura era letrada, hoje em dia e cada vez mais, vivemos numa época de imagem e som. Existe a ilusão que todos entendem filmes e programas de tevê. Mas é preciso passar por certo aprendizado. Treinar e melhorar a percepção para enxergar e ouvir melhor a história que está sendo exibida.

(\*) Entrevista publicada no jornal *Gazeta do Povo* do Paraná em 24/02/2010 – referente à reportagem *Cinema nacional em cartaz nas escolas*, de Tatiana Duarte. Site:

<http://www.gazetadopovo.com.br/ensino/conteudo.phtml?tl=1&id=976356&tit=Cinema-nacional-em-cartaz-nas-escolas>

## QUAL É A SUA CENA?



Mercedes, integrante do nosso grupo, indica a sua cena antológica, uma do filme **A TESTEMUNHA**, dirigido por Peter Weir: quando Harrison Ford vai tentar consertar o carro dele no celeiro da comunidade "amish" e a mocinha do filme vai falar com ele. Há uma dança linda com a música "pop" que toca no rádio. Quem quiser ver a cena acesse o site: [http://www.youtube.com/watch?v=3p\\_tvjqSrBk&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=3p_tvjqSrBk&feature=related)

### COTAÇÃO 2010

<i>Abraços Partidos</i> .....	8,78
<i>Invictus</i> .....	8,46
<i>Vício Frenético</i> .....	7,90

### Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma  
e-mail: [janetepalma@gmail.com](mailto:janetepalma@gmail.com)  
<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>